

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT07.007

A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES E DOCENTES SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM UMA ESCOLA PÚBLICA

Auricelia de Aguiar Silva¹
Dimas dos Reis Ribeiro²

RESUMO

A pesquisa trata-se de um estudo em nível de mestrado que aborda como a representação de gênero e sexualidade se desenvolve no ambiente escolar, focando na percepção do/a estudante e na concepção do/a docente diante dessa representação no meio escolar. O estudo foi desenvolvido em uma escola pública na cidade de Imperatriz, no estado do Maranhão. O objetivo geral consiste em analisar a percepção de estudantes e docentes sobre a representação de gênero e sexualidade em uma escola pública da cidade de Imperatriz/MA. Para tanto, os aportes teóricos que deram sustentação a essa investigação baseiam-se em Magnani (2004); Louro (2014); Libâneo (2013); Bento (2011); Bulter (2022) e Foucault (2022). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual foram utilizados os seguintes instrumentos de coleta de dados: grupo focal com estudantes e entrevista semiestruturada com docentes. Os dados revelam que a percepção do/a estudante sobre a atuação docente e o currículo escolar presentes na instituição pesquisada, sofre influência do meio social, propiciando uma reprodução de forma naturalizada por falta de discussão sobre o assunto na escola. Assim, a atuação do/a professor/a perde a sua significação social pelo receio de trabalhar a temática em sala de aula, mantendo-se neutro/a frente ao discurso de poder que se estabelece nas representações cotidianas de preconceito e discriminação de gênero e sexualidade no meio escolar.

Palavras-chave: Estudante, Docente, Representação de gênero e sexualidade.

1 Mestra pelo Curso de Pós-graduação em Formação Docente em Práticas Educaivas da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, auricelia.aguiar@discente.ufma.br;

2 Doutor do Curso de Pós-graduação em Formação Docente em Práticas Educaivas da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, dimas.ribeiro@ufma.br;

INTRODUÇÃO

O presente estudo traz uma parte das discussões desenvolvidas na pesquisa de mestrado que buscou discutir sobre as representações da violência de gênero e sexualidade em uma escola pública da cidade de Imperatriz/MA. Nesse sentido, buscamos conhecer e compreender as percepções de estudantes sobre a atuação docente e currículo escolar na perspectiva do debate sobre gênero e sexualidade no meio escolar, assim como a compreensão docente sobre sua prática mediante a representação da violência, nas modalidades de gênero e sexualidade.

Ao nos direcionarmos à escola como uma instituição educacional, percebemos que ela reproduz a diversidade e as diferenças que compõe a nossa sociedade, assim, entendemos, portanto, que a pesquisa em vista vai além da descrição social e educacional do indivíduo, remetendo-se a uma análise dessas representações, nas modalidades de gênero e sexualidade, e das especificidades da atuação docente, sendo esse um dos pontos que a justifica. Diante de tais reflexões, objetivamos analisar a percepção de estudantes e docentes sobre as representações de gênero e sexualidade em uma escola pública da cidade de Imperatriz/MA.

Para aprofundamento da pesquisa, foram necessários alguns objetivos específicos, tal como identificar a percepção do/a estudante de escola pública sobre a atuação docente e currículo escolar na perspectiva da representação de gênero e sexualidade na escola. Também se fez necessário compreender o olhar docente sobre a representação de gênero e sexualidade no meio escolar.

É nessa visão que buscamos lugares e atores que nortearam o campo de estudo desta pesquisa, uma Escola Municipal de Ensino Fundamental localizada na cidade de Imperatriz, Maranhão. A pesquisa é qualitativa e teve por procedimentos metodológicos: grupo focal e entrevista semiestruturada.

Para o grupo focal, percorremos as discussões com nove estudantes do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental no seu próprio ambiente de estudo. Os pais autorizaram a realização da pesquisa, assim como a direção, de forma que tudo ocorreu com consentimento dos pais, da escola e dos/as próprios/as estudantes. A entrevista semiestruturada foi realizada com três professoras e um professor dos anos finais do Ensino Fundamental em seu próprio ambiente de trabalho.

O estudo realizado inspirou novas compreensões sobre a forma de representação dos/as estudantes e da atuação dos/as professor/as, na contramão da ideia de submissão que impõe um discurso de poder, adotamos neste trabalho a visão do sujeito como parte total de um contexto social que assume tanto o papel de submissão como de controlador desse discurso de poder, expressando-se pelo conflito vivenciado na escola de aceitação ou negação das diferenças. Dessa maneira, a escola constrói um espaço de experiências, focalizada em atitudes, expressões e falas que representam um discurso de poder que não acolhe as diferenças.

Para tanto, a finalidade dessa temática está aberta para discussões e proposições que envolvem a pesquisa, por ser um caminho de debate do conhecimento adquirido. Para tal fim, fez-se necessário conhecer a realidade e suas singularidades mediante a diferença e pluralidade que compõem o ambiente escolar.

METODOLOGIA

A pesquisa por ser de cunho científico e envolver seres humanos foi inserida na Plataforma Brasil e avaliada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Maranhão, tendo parecer consubstanciado do CEP, em caráter aprovativo no ano de 2023.

A pesquisa possui caráter qualitativo, assim, para Minayo (2001, p. 24-25), um dos aspectos importantes da pesquisa qualitativa é “trabalhar com a vivência, com a experiência, com a cotidianidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultados da ação humana objetivada”. Nesse sentido, adentramos o *lôcus* da pesquisa para acompanhar o ano letivo de 2023, dos meses de junho a outubro, com o intuito de conhecer a instituição em suas especificidades, observando as vivências e experiências dos/as estudantes do 6º ao 9º ano, do turno vespertino, assim como a prática docente dos/as professores/as. Outro aspecto salientado por Lakatos e Marconi (2010) é que a pesquisa qualitativa adota como princípio fundamental a “análise indutiva”. Nesse aspecto, nossa preocupação não esteve direcionada à comprovação de hipóteses, e a investigação foi conduzida por meio de questões norteadoras, que foram respondidas durante a pesquisa de campo.

O trabalho de pesquisa adotou as seguintes técnicas de construção de dados: grupo focal com os/as estudantes; e entrevista semiestruturada com professoras e professor.

A técnica de grupo focal foi realizada com estudantes do 6º ao 9º ano, sujeitos do estudo, com o objetivo de compreender as suas percepções acerca das discussões de gênero e sexualidade e, conseqüentemente, a sua representação no ambiente escolar. Para realizar o grupo focal, foi necessário um planejamento no qual foram considerados os seguintes elementos: tema, objetivos, questões orientadoras, imagens e duração, além dos/as participantes. Além disso, os recursos para o registro dos dados foram essenciais para garantir a participação do grupo. No total, foram realizados doze³ encontros com duração aproximada de vinte minutos. As sessões foram realizadas duas vezes por semana⁴, na própria escola de pesquisa, em uma sala reservada para esse fim. Enviamos o termo de consentimento livre esclarecido aos pais ou responsáveis, o qual foi assinado e devolvido. Os estudantes também receberam um termo de consentimento para autonomia de sua participação, entretanto, o mesmo só poderia participar com autorização dos pais. No termo garantimos a preservação da identidade do participante e do local da pesquisa.

A seleção dos/as estudantes seguiu os seguintes critérios: ser estudante de escola pública; estar cursando os anos finais do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano; e fazer parte de um contexto de representação de violência de gênero e sexualidade no meio escolar. Foram selecionados doze estudantes, do 6º ao 9º ano, na faixa etária de 11 a 17 anos, entretanto, após algumas desistências, concluímos com nove participantes com a faixa etária de 13 a 17 anos.

Com os/as docentes utilizamos entrevista semiestruturada, os quais, também, assinaram um termo de consentimento de livre esclarecido para participação na pesquisa. Para Szymanski (2011), a entrevista é considerada uma situação de interação humana, imbricada pela subjetividade dos/as participantes, por envolver percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações. Assim, as entrevistas com as professoras e o

3 Optamos por um número maior de encontros, devido ao tempo que nos foi disponibilizado dentro da escola, uma vez que os/as estudantes não podiam perder aula e não tinham autorização dos pais para participar da pesquisa fora da escola ou em horário distinto do de aula.

4 Os dias da semana variavam de uma semana para a outra, assim como os horários das sessões, a fim de não atrapalhar o andamento das aulas e de não causar prejuízo de conteúdo e presença para os/as participantes.

professor buscaram compreender suas perspectivas quanto à possibilidade de atuação da escola e ao seu conhecimento da função e prática pedagógica do/a professor/a.

A escolha dos/as professores/as seguiu os seguintes critérios: ser professor/a da rede municipal de ensino; desenvolver sua prática de ensino mediante o comportamento reprimido ou agressivo de estudantes; e ser responsável pelas disciplinas de Ciências, Religião, História, Artes, Língua Portuguesa e Geografia, por possibilitarem maior discussão sobre a temática de gênero e sexualidade em sala de aula.

Com a preocupação de compreendermos os discursos expressos pelos sujeitos da pesquisa, estudantes e professores/as, na organização dos discursos, utilizamos a Análise de Conteúdo. Segundo Bardin (2016, p.130), a Análise de Conteúdo é um método que possui as seguintes características: “1. A pré-análise; 2. A exploração do material; e, por fim, 3. O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação”. No período da pré-análise, realizamos a leitura dos dados coletados através dos diferentes procedimentos: grupo focal e entrevista. Em continuidade, realizamos a organização desses dados de acordo com os objetivos definidos na pesquisa, agrupando as respostas e categorizando-as a partir de unidades de registros. O material foi explorado com fins de compreendermos a análise em função das categorias levantadas e o tratamento dos resultados foi realizado por meio de inferências e interpretação, tendo como referência os aportes teóricos da pesquisa. Segundo Bauer, Gaskell e Allum (2015, p. 24), “a pesquisa qualitativa possui o monopólio da interpretação [...]”.

É necessário ressaltar também que, considerando a variedade de informantes, tornou-se essencial a triangulação dos dados, visto que, ao combinar diferentes informantes e técnicas de coletas de dados, passamos a desenvolver e trabalhar com olhares diversos, o que nos permitiu o confronto e a comparação destes. Assim, considerando os diversos sujeitos da pesquisa – estudantes, professoras e professor –, a análise levou em consideração todas as informações possibilitadas por cada instrumento de pesquisa, de forma que foram utilizados os discursos mais pertinentes e direcionados à temática da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreendermos o lugar dos/as estudantes nas discussões sobre a representação de gênero e sexualidade no ambiente escolar, foi de grande rele-

vância ouvir suas percepções sobre a atuação docente e o currículo escolar. Para isso, utilizamos a técnica do grupo focal, objetivando estimular as interações e maior participação de todos/as os/as componentes nas discussões. Assim, os/as estudantes puderam relatar suas opiniões, experiências pessoais e exemplos presenciados no meio escolar.

ATUAÇÃO DOCENTE E O CURRÍCULO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DA REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA: A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA.

Ao falar sobre a **atuação docente**, o grupo apresentou a necessidade do debate da temática gênero e sexualidade em sala de aula, reforçando a atuação da escola na mudança de paradigma social. Os relatos a seguir, indicam isso:

Teve a aula de um professor que ele tocou no assunto, disse que esse tipo de preconceito é errado, mas nunca nada muito aprofundado (Aluna 1).

Muitas vezes, nem eles sabem muito sobre o assunto, porque não estudaram e na faculdade não tem isso (Aluna 3).

Pra mim, seria bom falar sobre na aula, porque tem vez que alguém faz uma piada com alguém e não sabia que estava ofendendo ela (Aluno 8).

Eu gostaria que tivesse, porque, tipo, essas vezes, essas brincadeiras que os meninos ficam fazendo, muitas vezes, pode ofender, acabar ofendendo alguém e, tipo, essa pessoa fica usando a brincadeira pra não dá ruim, tipo achar que se falar isso vai dá ruim pro meu lado (Aluna 6).

Percebemos que os discursos retomam a necessidade da atuação do/a professor/a em relação à representação de gênero e sexualidade na escola. Notamos também que os relatos trazem as percepções dos/as estudantes sobre o entendimento do/a professor/a em relação aos atos de preconceito e discriminação de gênero e sexualidade presentes na escola. Assim é apresentada a falta de conhecimento do/a professor/a para tratar dessa representação dentro da escola. Além disso, nas opiniões, eles/as trouxeram a questão da preparação educacional do/a professor/a para atuar com essas questões, visto que em sua formação não há disciplinas específicas para prepará-los/as para essa atuação dentro da escola.

Nesse sentido, o discurso da Aluna 3 amplia as responsabilidades em debater gênero e sexualidade, pois o encargo de propor a possibilidade de mudanças de paradigmas deve abraçar todas as instâncias, desde a Educação Infantil ao

Ensino Superior, para assim termos uma possibilidade de transformação de opiniões e visão na sociedade. Também devemos destacar que a educação não pode ser vista como salvadora nesse caso, mas contribuinte de um processo histórico e cultural. Para Libâneo (2013), a prática docente deve ter um significado e uma função social para os membros da sociedade a fim de prepará-los/as para a vida, de modo que o/a professor/a deve refletir sobre sua ação e reflexão.

As opiniões relatam também o modo como os/as participantes refletem sobre a atuação dos/as professores/as e sobre suas próprias representações no meio escolar, assim como chamam a atenção para o fato de associarem a necessidade de uma formação mais completa para os/as professores/as com o comportamento apresentado por eles e elas. Assim, os depoimentos demonstram uma necessidade de mudança no currículo escolar para que se alcance uma quebra da reprodução da violência na sociedade e dentro dos muros da escola. Talvez o grupo não tenha clara compreensão das singularidades que envolvem o processo de elaboração do currículo escolar, contudo, de modo singular, colocam as necessidades sociais que o currículo deveria contemplar no processo de ensino e aprendizagem reforçando a atuação do/a professor/a e da escola.

No que se refere ao **currículo escolar**, os/as participantes apresentam suas expectativas em relação a um currículo inclusivo que respeite as diferenças de gênero e sexualidade do indivíduo. Assim, o grupo destaca:

Eu ia falar que não existe uma matéria. Eu acho que deveria criar uma matéria pra gente debater (Aluna 3).

la ser bacana os professores de cada matéria falar um pouco sobre isso. A gente ia aprender muito mais, porque temos horários diferentes, íamos falar mais do mesmo assunto (Aluno 4).

A professora de Religião, às vezes, fala sobre isso. Em alguns textos, ela passa o texto falando sobre o gênero. Não é muitas das vezes, mas, às vezes, ela fala. É, não é todas as vezes, mas, às vezes, ela fala com a gente sobre isso. Só alguns pontos, são momentos raros (Aluno 5).

Em História, porque a comunidade LGBT luta demais e não tem um registro disso, seria muito, não sei a palavra exata, mas não seria uma coisa boa, ninguém dar importância (Aluna 6).

O grupo apresenta sugestões sobre a forma como deveria acontecer a aplicabilidade do currículo na escola: “criar uma matéria”, “os professores de cada matéria falar um pouco” e “em História”. Louro (2014) discute que, em termos curriculares, gênero e sexualidade parecem ser tratados de forma restrita

a um campo disciplinar. Nessa concepção, as falas retratam uma divergência de opiniões sobre como a escola deveria atuar por meio de seu currículo em relação ao tema gênero e sexualidade. Entretanto, não se pode negar o fato de que os encontros do grupo focal terem ocorrido dentro da própria instituição de ensino pode ter refletido nas falas, no que foi possível aos/às estudantes expressarem.

De toda forma, as sugestões apresentadas reforçam as necessidades dos/as próprios/as estudantes: “a gente ia aprender muito mais, porque temos horários diferentes”. Assim, podemos supor que discutir gênero com mais frequência ou criar uma disciplina específica traria um lugar de fala mais significativo aos assuntos de gênero e sexualidade e ao combate ao preconceito e às discriminações que se representam por meio do comportamento de estudantes na escola. Desse modo, a escola poderia sair de uma situação passiva para atuante no processo de formação do cidadão.

Devemos mencionar ainda que o relato do Aluno 5 reforça que o assunto é discutido muito raramente, somente pela professora de Religião. Percebemos que o participante não cita a forma como a temática é apresentada, ou seja, se a abordagem é destinada à sexualidade com fins de procriação e se o debate de gênero é direcionado à constituição biológica, desconsiderando a formação social da identidade do sujeito. É interessante também notarmos a seguinte fala: “em História, porque a comunidade LGBT luta demais e não tem um registro disso”. A fala da Aluna 6 remete a uma reflexão de inclusão social no livro didático, pela necessidade de um registro sobre a comunidade LGBT⁵, de forma que a escola transmita esse conhecimento aos/as seus/suas estudantes. Dessa forma, podemos supor que os discursos propõem que o livro didático faria uma quebra do preconceito e possibilitaria a aceitação do/a outro/a, valorizando a pessoa humana ao invés do moralismo exagerado que vem constituindo a sociedade, podendo contribuir com o desenvolvimento de outro tipo de representação dentro da escola.

No que se refere ao **livro didático**, o grupo expressa suas reflexões da realidade vivenciada, pois almejam mudanças e adaptações no livro didático

5 LGBT possui o significado de Lésbicas, Gay, Bissexuais e Transexuais, entretanto, na atualidade, se usa a sigla LGBTQI+ (Lésbicas, Gay, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexo e o + é utilizado para incluir mais grupos e variações de sexualidade e gênero).

para expansão de seus próprios conhecimentos. Nesse sentido, os/as participantes destacam:

Seria importante que nos livros de História tivesse sobre a comunidade [LGBT] por ela não é de agora, não é de 2021, de 2022, tem séculos que está sendo lutado, mas ninguém fala sobre o passado (Aluna 3).

No livro, hoje em dia, não tem nada falando sobre, tipo, mas eu acho que mais na frente vão adicionar no livro alguma coisa, assim, manifestação LGBT, explicando a mudança da sociedade (Aluno 8).

Em Ciências, obviamente. Tratou no começou do ano e ano passado sobre sexualidade, também tinha uma parte do livro que falava sobre ser gay, essas coisas de diversidade sexual (Aluna 1).

Os/as participantes associam a abertura de discussões sobre assuntos ainda considerados tabus nas aulas com uma nova visão de currículo e de livro didático. Percebemos nos relatos que o livro didático não aborda o perfil histórico das discussões de gênero e sexualidade, o que gerou perspectivas de que, no futuro, isso possa ocorrer mediante as mudanças vivenciadas pela sociedade. Devemos enfatizar que os relatos apresentam uma discrepância entre o discurso do Aluno 8, ao afirmar que “no livro, hoje em dia, não tem nada falando sobre”, e o da Aluna 1, quando declara que “tratou no começou do ano e ano passado sobre sexualidade”. Talvez a divergência tenha ocorrido porque ele e ela são de séries diferentes, de maneira que o assunto pode ter sido abordado em uma sala de aula e na outra não.

É interessante mencionar que a visão trazida nos depoimentos não se refere somente ao conteúdo do livro didático, mas a uma perspectiva de uma sociedade diferente pela educação a partir de suas próprias representações no meio escolar. Também notamos que os relatos não fazem referência a um aprofundamento do assunto, pois é trazido o que foi estudado de forma artificial sem grande conhecimento adquirido, como relata a fala da participante: “também tinha uma parte do livro que falava sobre ser gay, essas coisas de diversidade sexual”. A forma como é apresentado o conteúdo do livro didático é vaga, talvez porque o assunto tenha sido trabalhado apenas para cumprir o conteúdo ou por não ter despertado o interesse dos/as estudantes. Foucault (2022) aponta que a sexualidade é um dispositivo histórico porque se constitui a partir de múltiplos discursos sobre o sexo, os quais regulam, normatizam e instauram saberes e são produzidos como verdade.

Ao questionarmos se a discussão de gênero e sexualidade no livro didático na escola poderia destruir a família e a heterossexualidade, para que os/as participantes pudessem discorrer sobre as questões que permeiam a sociedade e a escola nos últimos tempos e a influência na representação social do/a estudante, surgiram os seguintes relatos:

Eu acho que destrói, porque as famílias não aceita, né, e acaba se separando daquela pessoa e que se junta homem com homem, mulher com mulher, por isso que destrói porque ela quer se separar, porque ela não acha o certo (Aluno 4).

Eu acredito que vai ter, vai ter preconceito, porque as pessoas geralmente pensam que, por ser crescido nesse tipo de família, vão ser um tipo diferente de pessoa, porque tem essa visão que os homossexuais são pervertidos, são maliciosos, então vão achar que a criança também vai por esse caminho e, na verdade, não (Aluna 1).

Vai ter, porque a pessoa que tem dois pais, duas mães, né, que não é como os outros, que a maioria das pessoas tem pai e mãe, sofre preconceito, porque acha que é muito errado, por isso sofre essa violência (Aluno 4).

Ao refletirem sobre a pergunta, percebemos que, mais uma vez, o grupo apresenta o preconceito que se reproduz pela sociedade e escola do que seria certo ou errado e as falas apresentam certo preconceito em relação à pessoa homossexual assim como a necessidade de discussão do assunto pela escola. Os relatos demonstraram alguma discrepância em relação aos discursos anteriores de defesa do estudo da temática pela escola e no livro didático por meio de opiniões expressas por termos como: “destrói”, “tipo de família”, “pervertido”, “não é como os outros”. Notamos que os discursos também trazem uma preocupação sobre a visão de sociedade sobre o modo como a escola vai lidar com a discussão em sala de aula. Assim, percebemos que, ao mesmo tempo em que os discursos trazem uma disparidade de certo ou errado, eles refletem os medos e anseios da pessoa reprimida por sua identidade sexual. No primeiro relato, a preocupação com a destruição da família fica evidente por duas vertentes: pela não aceitação da pessoa homossexual e pela separação desta devido ao receio do que os outros acharão de sua sexualidade, reforçando um discurso de preconceito e ódio que tem vigorado na sociedade nos últimos tempos.

É importante ressaltar que os/ as participantes do grupo configuraram os preconceitos sociais sem vinculá-los diretamente ao currículo escolar ou ao livro didático, de forma que prevaleceram as opiniões acerca de um assunto que deve ser debatido na escola em uma perspectiva social, ou seja, os diferentes

tipos de família. A esse respeito, a Aluna 1 relata a necessidade do estudo do tema na escola devido à visão que se cria dos diferentes tipos de família e pela visão pejorativa e maliciosa que parte da sociedade possui da pessoa homossexual. O relato aponta que trazer a temática para dentro da escola se torna tão polêmico porque muitos acham que as crianças podem ser influenciadas, conforme relato: “então, vão achar que a criança também vai por esse caminho e, na verdade, não”. Assim, podemos supor que a opinião da participante apresenta uma preocupação com um discurso de controle do ensino a favor da exclusão do considerado fora dos padrões e com o fortalecimento desse discurso dentro da escola para todos/as os/as estudantes, dos/as menores aos/às maiores.

É importante mencionar que os/as participantes tratam do preconceito e discriminação de gênero e sexualidade, mas não apresentam soluções a serem aplicadas em sua própria representação. As discussões se direcionam ao seu conhecimento cotidiano, adquirido em diferentes meios sociais, explicitando que a escola não está trazendo grandes contribuições de debates e discussões sobre a representação vivenciada no meio educacional e sobre a própria atuação docente referente às discussões de gênero e sexualidade nesse mesmo meio. Corroborando nossas reflexões, Magnani (2004) nos remete que o ambiente coletivo contribui para a manifestação da representação do indivíduo em um determinado contexto. Nesse sentido, o entendimento se direciona para a dependência dos canais de comunicação que são construídos e estabelecidos em uma coletividade em seu meio social para a construção de uma compreensão que se torna parte de uma singularidade do/a estudante para então se revelar em uma totalidade de sua representação no meio escolar. Contudo, ao naturalizar as formas de violência que se associam a essa representação, o/a estudante deixa de adquirir uma postura de respeito em relação às diferentes formas de gênero e sexualidade expressas na escola.

O OLHAR DOCENTE SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO MEIO ESCOLAR

A concepção das docentes e do docente foi obtida por meio de entrevista semiestruturada. Nas entrevistas, puderam fornecer informações sobre suas percepções a respeito de como compreendem a função de sua prática docente frente à representação de gênero e sexualidade.

O foco esteve centrado na prática docente e sua atuação diante da representação de gênero e sexualidade no meio escolar a fim de que fosse possível compreender a sua contribuição, a atuação e a própria opinião do/das docente/s sobre o seu papel como professoras e professor em sua rotina de trabalho na escola. Tudo isso com a finalidade de caracterizar as possibilidades de inserção dos saberes docentes e das experiências das professoras e do professor em sua atuação pedagógica.

As professoras e professor foram convidados a responder sobre a forma como sua prática de ensino tem contribuído no combate ao preconceito e à discriminação em relação à representação de gênero e sexualidade na escola. Elas e ele apresentaram suas especificidades sobre esse assunto conforme relatos a seguir:

Olha! Eu acredito sim, que não é muito notável, é uma evolução. A gente vê isso, muito lento, é um desenvolvimento muito lento, porque dentro da sala de aula, como eu te falei, a gente compreende a diversidade, que há a diversidade religiosa, a diversidade em questão familiar, enfim, e isso faz com que a gente perceba uma mudança muito lenta né, que num questionamento, mesmo num debate, sempre há quem concorda e quem discorda e quando há esse debate muito pesado, às vezes, é preciso a gente interferir, é, tentando fazer alguma interferência explicativa e mudando de assunto, porque você termina vendo que vai em uma discussão longa e que pode ferir os princípios, os valores de alguém, e essa criança, esse jovem, pode levar a sua família, a sua família também é atingida, né, e se sentir ofendida em seus princípios e valores, às vezes, pode vir procurar a escola. Então, tudo isso passa pela cabeça do professor, né, então a gente tenta levar o assunto, mas de uma forma bem leve e que essa evolução a gente compreende que vai acontecer aos poucos, com o passar do tempo, com a maturidade do jovem. Enfim, a gente espera isso (Professora 1).

A fala da **Professora 1** destaca a incerteza de sua prática diante da diversidade que compõe o campo escolar e, apesar de afirmar que sua prática de ensino tem contribuído no combate ao preconceito e à discriminação de gênero e sexualidade, ela apresenta outras questões, como “família ofendida”, que interferem no desenvolvimento de sua prática. Além disso, ela destaca outro aspecto que afeta a aplicação de uma prática de ensino igualitária: a opinião dos/as próprios/as estudantes, pois, segundo ela, “num debate sempre há quem concorda e quem discorda”. Contudo, para Silvia (2015), está entre as funções da escola

discutir a diversidade de gênero e sexualidade por meio da prática do/a professor/a propiciando debates e discussões sobre o assunto na escola.

A **Professora 2** apresenta uma prática de ensino de aceitação e de negação da representação de gênero e sexualidade, conforme fala abaixo:

No caso, por exemplo, eu sempre tenho uma fala de que você tem que aceitar o outro, de que você tem que respeitar o outro. O convívio com o outro não me permite e eu nem posso me permitir criticar o outro, zombar do outro e quando isso, muitas das vezes, ocorre, tem casos que a gente vê meninos que são afeminados que já tem trejeitos, né, lá de 7 anos de idade, 8 anos, menores até, então você tem que ir cortando, impedindo que essas coisas aconteçam dentro de sala de aula (Professora 2).

A **Professora 2** apresenta um olhar, por um lado, de aceitação do outro pelos/as estudantes a ser desenvolvida sua prática, vigorando o “respeito” entre os/as colegas. Por outro, surge a negação das diferenças, ao tentar moldar a construção de identidade de uma pessoa devido a sua sexualidade. Bento (2011, p. 554) nos explica que são muitas as violências cometidas contra as pessoas transexuais “(re) produzidas por uma pedagogia da intolerância”. Assim, o discurso traz a visão de uma prática que não é transparente e pouco contributiva no que se refere à violência de gênero e sexualidade, pois, quando se tenta suprimir a existência de uma pessoa, também se está contribuindo com o preconceito, o que fica evidente quando se fala em “ir cortando”. De todo modo, a fala da professora apresenta representações de sua rotina sem citar um planejamento para trabalhar o assunto em sala de aula e nem apresentar aprofundamento de saberes científicos.

A **Professora 3** ressalta que a contribuição de sua prática está no diálogo a ser desenvolvido em sala de aula, estabelecendo respeito e igualdade entre as pessoas, de acordo com a fala a seguir:

Eu procuro conversar com os alunos, explicando que somos todos iguais, que devemos tratar todos com dignidade e respeito, que as coisas mudaram, hoje tem vários tipos de família né, tem a família hetero, tem a família gay, tem a família de todo jeito. Já falei também que minha família também tem pessoas assim e nós aceitamos numa boa, pessoas que são homossexuais, tem vários, todo mundo respeita na minha família. Eu peço para eles respeito, que Deus quer que nós sejamos unidos e tenham respeito um para com os outros (Professora 3).

A percepção da professora levanta a perspectiva de mudança de paradigma social, de mentalidade individual. Nesse aspecto, é relevante ressaltar que as mudanças acontecem, mas nem todos/as a aceitam, de modo que tais formações de opiniões se refletem na sala de aula. Notamos também que a professora, por um lado, reforça a figura de Deus como uma representação de respeito religioso entre os seres no convívio escolar. Por outro lado, ao destacar os diferentes tipos de família, ela contribui com a quebra do preconceito, se o assunto for debatido em sala de aula, ponto que o seu discurso não deixa claro. Nesse sentido, Butler (2022) nos diz que a sexualidade se torna acessível a uma série de articulações sociais que nem sempre estão vinculadas às relações ou aos laços conjugais monogâmicos ou maritais.

Para o **Professor 4**, a contribuição de sua prática está em lidar com o que compete a sua disciplina, de acordo com a fala a seguir:

Olha! Eu procuro muito, como professor de História, ser universal nessa questão, vejo muito, acho que a gente tem que ser universal, embora não possa lidar totalmente com o tema, mas as questões raciais é um pouco diferente, as questões de gênero é mais difícil, mais complicada, mas as questões raciais, a gente como tem há muito tempo a lei 10.639, já acompanha com segurança esse processo e eu procuro muito inserir dentro de minhas aulas essas questões. Sou muito livre nessas discussões (Professor 4).

Percebemos que o discurso do professor propicia uma visão de universalidade na contribuição de sua prática, entretanto ele reforça que trabalhar as questões pertinentes às discussões de gênero e sexualidade não é uma tarefa fácil, deixando a entender que isso se torna difícil devido à ausência de leis que ofereçam segurança para essas discussões em sala de aula. Notamos que o professor levanta a preocupação com um aparato legal que fortaleça as discussões de gênero e sexualidade. A partir da preocupação do professor, devemos ressaltar que, em 5 de novembro de 2001, foi criada a Lei Estadual 10.948, no estado de São Paulo, que dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual, criada pelo deputado Renato Simões do PT (Partido dos Trabalhadores), entretanto percebemos que o discurso do professor traz a perspectiva de uma lei em âmbito federal que seja específica para as questões de gênero e sexualidade, abordando as diferentes esferas sociais, como a escola.

Para tanto, salientamos que a contribuição da prática docente na visão das professoras e do professor está direcionada a suas preocupações como docen-

tes em trabalhar a temática no âmbito escolar por causa dos princípios sociais que estão vinculados a essa prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um processo sistemático, as experiências dos/as estudantes tornam-se a base de uma rotina escolar formada por sujeitos, proposições, conhecimentos e violência. Assim, é importante ressaltamos que conceber as discussões sobre gênero e sexualidade como espaço dialógico de participação e representação dos diferentes sujeitos que compõem o meio escolar implica que a escola não seja entendida somente como um espaço de reprodução de instrução, mas também de debate e discussão de questões que permeiam a sociedade e a formação de pessoas que convivem em diferentes categorias sociais, com distintas formações de identidade.

Procuramos construir um olhar significativo sobre a dinâmica da instituição, revelando seus dilemas, especificidades e possibilidades de atuação ou aceitação do preconceito e da discriminação da representação em ação. Nesse sentido, estudantes e professores/as assumiram um papel muito relevante: o de estabelecer as relações de poder e suas significações oriundas de um contexto em que são inseridas reproduções sociais de uma sociedade maior que a escola.

Com vistas à compreensão da influência de outras instâncias sociais na representação dos/as estudantes que se reflete na atuação dos/as professores/as da instituição pesquisada em Imperatriz/MA, constatamos que as vivências são reproduzidas por um discurso de poder presente na vida cotidiana dos/as estudantes, de forma que discriminação é algo natural que passa despercebida por eles e elas no cotidiano escolar. Desse modo, o olhar para atos de preconceito ou discriminação de gênero e sexualidade faz parte da escola por ela recebê-la de fora para dentro e internalizá-la em uma posição de neutralidade.

Por fim, vale ressaltar que a escola de pesquisa possui um compromisso com a educação de seus/suas estudantes expresso em responsabilidade e seriedade diante das fragilidades das condições de trabalho de uma escola pública. Entretanto, convém deixar claro que essa não é uma tarefa fácil, pois exige de seus profissionais uma formação permanente de qualificação pelo município, especialmente porque não depende somente da escola, mas de um contexto maior, para que os seus e as suas profissionais tenham aporte teórico e metodológico para discutir gênero e sexualidade em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BAUER, Martin W; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesse do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 64-89.
- BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. Dossiê gênero e sexualidade no Espaço Escolar. **Estudos Feministas**. vol. 19, nº. 2 Florianópolis, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/DMNhmppzNbKWgH8zbgQhLQks/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 06 fev. 2023.
- BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: UNESP, 2022.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1 – a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. 5 reimpr. São Paulo: Atlas 2010.
- LIBÂNEO. José Carlos. **Didática**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 16ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Discurso e representações ou de como os baloma de Kiriwana podem reencarnar-se nas pesquisas atuais. In: CARDOSO, Ruth. (Org.) **A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 127-140.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SILVA, Sirlene Mota Pinheiro. **Gênero e sexualidade nas políticas públicas de formação docente continuada e nos espaços escolares**. Revista Científica e Tecnológica/ Fundação Sôsândrade de Apoio ao Desenvolvimento da UFMA. São Luís, v.1, n.1, jan. /dez.2015. p. 79 -90.

SZYMANSKI, Heloisa. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. SZYMANSKI, Heloisa (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro Editora, 2011. p. 9-64.